

**LEGADO**  
**NATALIA SCHNEIDER**  
**& FABIO GIACOMELLI**



**LEGADO**  
NATALIA SCHNEIDER &  
FABIO GIACOMELLI



Texto: Valquíria Vita  
Diagramação: João Victor T. Martins, Marcos Taufer  
Edição e Revisão: Legado - Histórias de Vida  
Fotos: Arquivo pessoal  
Ano: 2020

[www.historiasdevida.com.br](http://www.historiasdevida.com.br)



---

Os cientistas dizem que não existe tal coisa de amor à primeira vista. E a Natalia e o Fabio, biólogos, são totalmente a favor da base científica, sempre. Mas talvez exista uma área que a ciência ainda não domina: o coração.

Foi sim, à primeira vista e no primeiro contato, que eles sentiram uma química instantânea, em 2008. E desde lá, a vida nunca mais foi a mesma para nenhum dos dois.

### ***“Como assim, tu conhece Rammstein?”***

Foi a Biologia que os aproximou. No final de 2008, duas turmas do curso foram para a mesma saída a campo. Natalia, na época com 20 anos, já tinha os cabelos coloridos de roxo. Ela esperava o ônibus da excursão com alguns colegas, no campus da UCS, em Bento Gonçalves, quando viu Fabio (em 2008, com 25 anos), que também se destacava pelo cabelo, comprido.

Mas o que a atraiu não foi isso, e sim a camiseta que ele usava: da banda alemã de metal, Rammstein. Espontaneamente, ela soltou um “C\*\*\*\*\*, Rammstein!”, empolgada com o fato de que alguém, além dela, conhecia aquela banda. “E eu lembro que eu pensei: ‘C\*\*\*\*\*, como assim, tu conhece Rammstein?’”, conta Fabio. “Foi

bem estranho, porque eu nunca tinha visto ela na vida, mesmo sendo do mesmo curso. E quando ela me falou da camiseta, eu fiquei: 'Nossa, quem é essa mulher que eu nunca tinha visto antes, que além de linda, maravilhosa, conhece Rammstein?'" Aproximados pelo gosto musical, os dois começaram a conversar na hora.

"Por isso sempre falamos do poder da camisa de banda, que o Fabio, aliás, tem guardada até hoje", explica Natalia. "Já me entreguei no primeiro dia que conheci a mulher. Não foi amor à primeira vista, mas foi o mais perto disso que eu cheguei na vida", completa Fabio, o mais romântico dos dois.

### ***"Tu não quer namorar comigo, Natalia?"***

Naquela viagem, eles sentaram-se com a "turma do fundão" do ônibus, e continuaram conversando durante aqueles dias, em Torres. A turma de Natalia coletava algas na beira da praia e a turma de Fabio, insetos. "Tem até um vídeo daquela saída, que aparece eu dizendo: 'Essa Natalia é muito gostosa'", revela Fabio.

E já que a Biologia não é apenas uma profissão, mas um estilo de vida, como eles gostam de dizer, ela os aproximou cada vez mais. Criaram um grupo de amigos em comum com os colegas de faculdade, com quem organizavam acampamentos. "Teve uma sincronia muito legal entre a turma e entre nós", diz Natalia. E em

dezembro daquele ano, ela convidou todos para o seu aniversário de 21 anos, em Nova Prata. Incluindo Fabio.

Na primeira ida de Bento Gonçalves, sua cidade natal, para NP, Fabio levou uma multa. "Mas me acostumei com o pardal," conta ele, que já perdeu as contas de quantas vezes fez o trajeto nos anos seguintes àquele aniversário.

O nome da festa, famosa em Nova Prata, era Saudade não tem idade. E, ao som dos clássicos de décadas anteriores, Natalia e Fabio se beijaram pela primeira vez. No mês seguinte, saíram com os amigos novamente, em uma noite em que decidiram tomar uma garrafa e meia de tequila no bar.

Na volta para a casa de Natalia, de madrugada, seguindo a máxima de que a bebida entra e a verdade sai, Fabio se declarou: "Tu não quer namorar comigo, Natalia?"

"Mais cedo, naquela noite, a gente tinha conversado justamente sobre isso, sobre não querer namorar. Nenhum de nós estava pronto para isso naquele momento", relembra ela. Surpresa com o pedido de Fabio, e bem menos alcoolizada ("Ela nunca se embebedada como eu", diz ele), Natalia prontamente respondeu: "Se amanhã tu se lembrar que tu me pediu em namoro, a gente conversa."

No dia seguinte, Fabio acabou não se lembrando do que falou, mas foi lembrado por Natalia. "Para tu ver como ela queria namorar comigo!" Ele reforçou o pedido. E assim começou oficialmente o namoro dos dois: no dia



em que a mãe de Natalia, Sonia, precisou fazer um chá para amenizar a ressaca do novo genro.

Quando ele foi embora, a filha anunciou a novidade. O primeiro comentário da mãe foi: "Só espero que ele não beba assim toda vez que vier para cá," relembra Fabio, rindo. "Mas ela me ama até hoje."

Mesmo apaixonado, ele tinha uma certa relutância em iniciar um namoro em outra cidade e recorreu aos dois melhores amigos para conselhos. No fundo, já estava decidido. Pois os dois eram também melhores amigos de Natalia, e, logicamente, incentivaram o relacionamento do casal.

Para ela, a ideia de estar em Nova Prata e ele em Bento também não era a mais atrativa. "Digamos que a Serra das Antas é bem conhecida por nós," reforça.

### ***"A regra é: não me enche o saco"***

Estabelecer algumas regras antes mesmo de começar um relacionamento pode parecer algo pouco natural. Mas, para Natalia e Fabio, foi essencial para que a relação desse certo. "A nossa ideia de um relacionamento legal era de que ele teria que ser tranquilo. Ok, a gente vai estar junto. Mas tu não me enche o saco", ela conta.

Os dois combinaram que ninguém deveria estressar por pouca coisa e nem guardar ou acumular os problemas. Se algo desagradasse, deveria ser falado e resolvido. Sem dramas. Tudo sempre foi conversado e

debatido em casal, sem que só um deles tivesse a palavra final. “Nós dois viemos de relações que não tinham sido muito boas, então não queríamos mais incomodação,” ele diz. “Aquela conversa foi muito importante para dar certo, porque ninguém estava com saco. Depois disso, as coisas acabaram acontecendo naturalmente,” completa ela.

Tudo correu “smooth sailing”, como define Fabio. Descomplicadamente. Para Natalia, parte disso também aconteceu porque eles sempre tiveram muitos gostos em comum e estilos de vida parecidos: nunca sobrou muito espaço para desentendimentos.

Os dois eram biólogos, tinham vontade de permanecer no mundo acadêmico, adoravam as saídas a campo, fotografar animais e plantas, além de beber, assistir séries e jogar videogame. Todos esses hábitos permanecem. “O contato com a natureza foi o que mais nos aproximou”, diz Natalia.

Para Fabio, um dos momentos mais marcantes do início do namoro foi a primeira viagem que fizeram a dois, para Capão da Canoa. “Nós fomos aceitos nas turmas um do outro logo naquele primeiro ano de namoro. Mas também é importante ter momentos só os dois e saber que eles são agradáveis”, explica Fabio. “Temos fotos no nascer do sol de Capão, com aquele mar chocolatão ao fundo. Mas dá para ver que estamos felizes.”

***“Tem que gostar de catar bicho no mato, quantas pessoas gostam disso?”***

Durante a faculdade, período em que eles chegaram a trabalhar no mesmo laboratório, na UCS, eles também conheceram o Pantanal, onde fizeram mergulho, flutuação e safári, foram para a Colômbia, exploraram os cânions de Cambará e apresentaram trabalho de pesquisa de insetos em Natal. Além disso, sempre fizeram questão de visitar as belezas naturais nos arredores das duas cidades em que se dividiam, um final de semana em cada. “Nós gostamos dos outdoors”, como dizem os americanos, explica Natalia.

A maioria das pessoas, ao cruzar por uma tarântula em uma trilha, por exemplo, vai o mais longe possível dela. Fabio e Natalia, não. Param, tiram foto, pegam a tarântula na mão. “Sabemos como é trabalhar nessa área. Tem que ir para o mato, tem que gostar de catar bicho. Quantas pessoas gostam disso?”, reflete Natalia. “Nossa profissão é muito presente para nós dois, ela nos envolve completamente e é o nosso dia a dia.”

Nenhum dos dois gosta de acordar cedo. A não ser que o plano seja pegar as câmeras e “ir para o mato fotografar bicho”, ou fazer uma longa trilha até desvendar uma nova cachoeira. “Eu lembro que uma profe do Ensino Médio disse uma vez: ‘Se um dia vocês pretendem se casar, casem com alguém da profissão de vocês. E ela estava certa”, conta Natalia.



O plano de nenhum dos dois era namorar, mas foi o que acabou acontecendo



Na festa que se beijaram pela primeira vez, em Nova Prata



Em Santa Bárbara, RS, e no show da banda Metallica, em Porto Alegre.

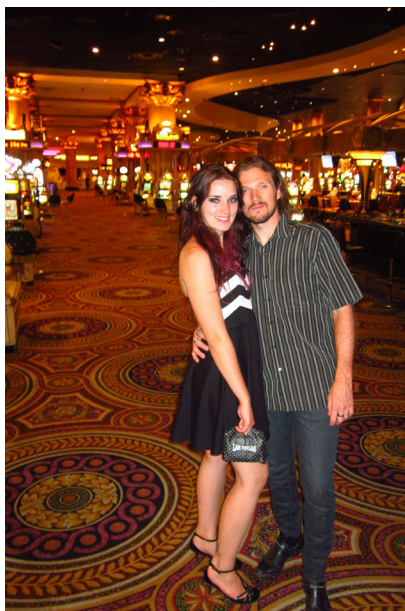


Em Natal, onde apresentaram trabalho de pesquisa.



No Pantanal, viagem onde aproveitaram as belezas naturais.





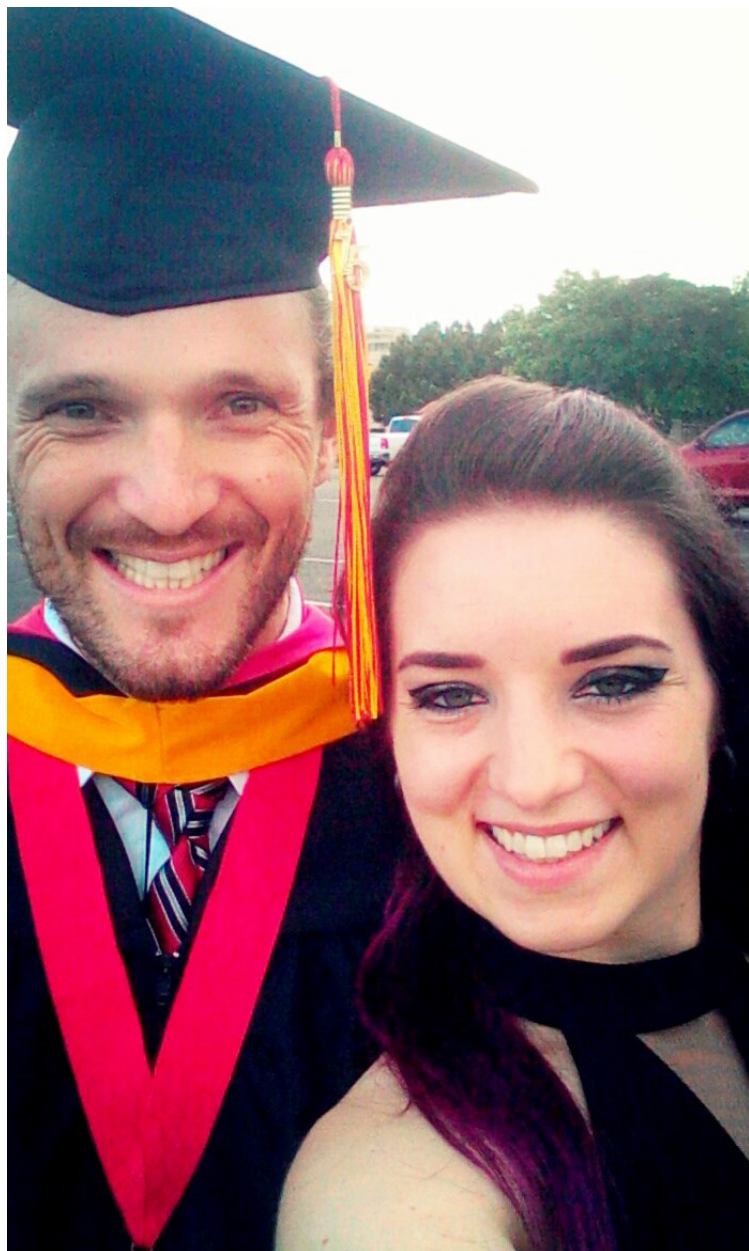
Viagem à Disney, na Flórida, e a Las Vegas, Nevada.



Na famosa Rota 66; Com o oceano pacífico ao fundo.



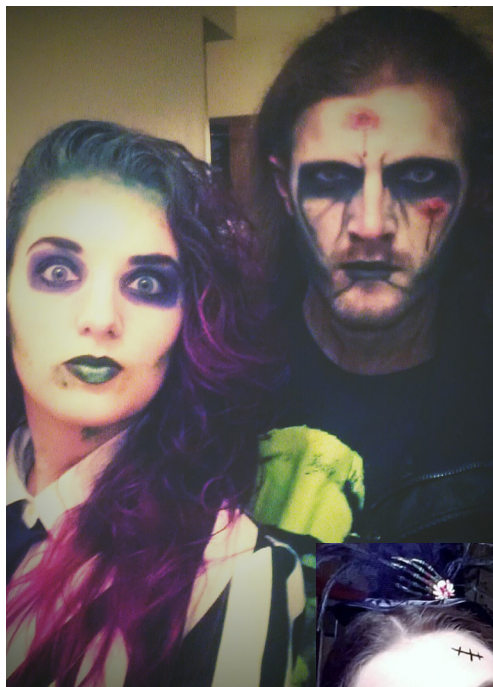
Nas Rocky Mountains, Colorado; No Grand Canyon, Arizona.



Fabio se forma nos EUA.



Natalia também.



Em dois Halloweens, uma das datas favoritas do casal.

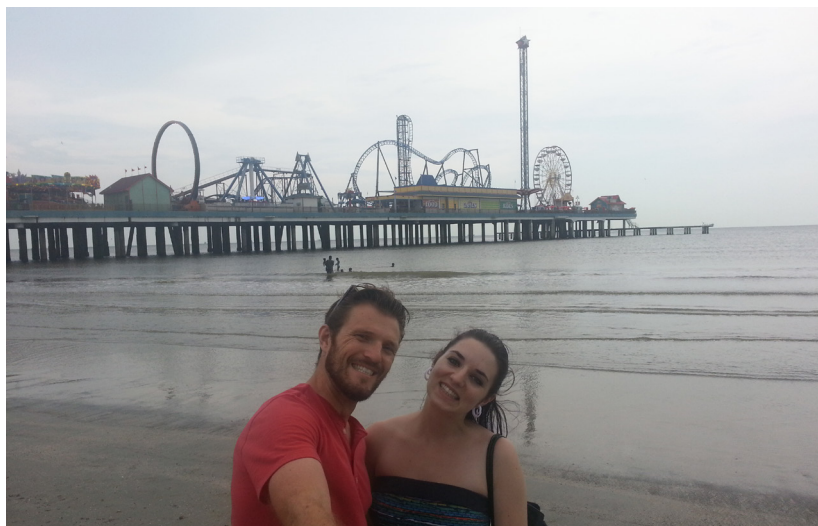


Seja nas saídas a campo ou no laboratório, a biologia sempre os aproximou.



Visita à NASA, no Texas; Inverno em Nova Iorque; Starved Rock State Park, em Illinois.





Em Ouchita National Forest, Arkansas, e em Galveston, Texas.



Inverno no Prairie State Park, Missouri.



Em um dos muitos museus que visitaram nos Estados Unidos, De volta ao Brasil, sempre juntos.



No dia do casamento civil, em agosto de 2020

## ***“Eu vou para os Estados Unidos. Se tu quiser, tu vai junto”***

Natalia tinha um sonho, desde muito jovem, de morar fora do Brasil. Com Fabio — que nunca tinha cogitado essa hipótese, sequer estudado inglês — esse sonho acabou sendo compartilhado. E felicidade, quando compartilhada, é sempre maior.

A decisão que eles tomariam naquele ano de 2011 mudaria o rumo de suas vidas. Mas eles não imaginavam que seria tanto, quando o assunto surgiu, após o professor de inglês dela comentar que era possível ingressar no programa de Biologia pela UCS no Exterior.

Natalia logo se empolgou e começou a pesquisar todas as informações necessárias para o intercâmbio. Chegou para o namorado com tudo o que ele precisava saber sobre. E com uma proposta ousada: “Eu vou para os Estados Unidos. Se tu quiser, tu vai junto”. E Fabio adorou a ideia. “Ela é metódica, não dá ponto sem nó. Então, quando ela veio me falar, ela já tinha ido atrás, já sabia como funcionava, chegou com toda a informação.”

Eles começaram os preparativos para se mudar para Pittsburg, Kansas, no pacato interior dos Estados Unidos. Os meses que antecederam a viagem, que duraria um ano, foram tão intensos — e a animação era tão grande — que Natalia nem teve tempo para se preocupar com o que as outras pessoas apontavam como o maior desafio: morar junto com o namorado pela primeira vez. “Ou vai ou racha, eu pensei,” ela diz, prática.

E foi. “A nossa grande prova foi o intercâmbio. Fomos

para lá planejando alugar uma casa para nós dois. E seria um problema se não desse certo, até financeiramente. Mas foi tudo tranquilo. Sempre conversamos, e definimos desde o começo como funcionaria a casa, que a faxina seria todo domingo, que quem cozinha não lava. A Natalia nunca aceitou isso, de que é a mulher quem limpa a casa, e eu também não. Então foi sempre sem stress,” diz Fabio. A regra de “não enche o meu saco”, do início do namoro, continuou valendo quando eles se mudaram para a mesma casa. E fez toda a diferença.

A experiência estudando na Pittsburg State University, como dois alunos intercambistas, foi melhor do que eles poderiam ter sonhado. A cidade pequena, de gente simples e simpática, era, em 2012, cheia de alunos internacionais como eles. Como o casal não tinha dificuldade alguma de fazer amizades, logo criaram vínculos com esses estrangeiros, além dos americanos e outros brasileiros. “Não sei nem descrever em palavras. Foi, de fato, a melhor experiência da minha vida. Teve toda uma emoção do novo, do desconhecido, lugar diferente, pessoas diferentes. Era um frio na barriga, por estar num lugar que não conhecia, que eu não pertencia. Mas eu estava tão emocionada e tão feliz de ter conseguido aquilo, que o que menos fiz foi racionalizar esse sentimento, esse medo. Eu só fui. Pensando em aproveitar tudo que desse, porque vai saber se um dia eu iria voltar”, conta Natalia, que acabou voltando. Mais de uma vez.

Pode ser realmente assustador se mudar para outro

país. E o fato de terem ido juntos, certamente, amenizou essa insegurança. “Fez com que fosse possível ir para lá com sentimento de: ‘Vamos aproveitar e esquecer a preocupação’”, diz ela. “A gente nunca foi de trancar os planos um do outro, ninguém nunca foi de dar para trás”, explica Fábio, que embarcou, literalmente, no plano da namorada e nunca se arrependeu disso.

### ***“Não basta ser copiloto. Tem que dar comida para o motorista”***

Mais do que uma oportunidade de estudo, morar nos Estados Unidos os proporcionou saídas a campo no Kansas e Missouri em meio a uma vegetação completamente diferente das que estavam acostumados no Brasil. De carro, também viajaram bastante pelo país. Naquele verão, fizeram 4 mil milhas (o equivalente a 6,5 mil km). Visitaram o Parque Nacional de Yellowstone (sonho de todo biólogo), Grand Canyon e Rocky Mountains e acamparam nestes três cenários paradisíacos. Terminaram a viagem aproveitando Las Vegas. Para Natalia, as melhores lembranças, em meio a tantas especiais, foram poder ter visto pegadas de dinossauro fossilizadas em uma montanha do Colorado e uma planta coletada e assinada por Darwin, em pincel, no Jardim Botânico de Saint Louis. “Poucos biólogos tiveram essa chance”, ela reconhece. Já Fabio destaca o Parque de Yellowstone como um dos melhores lugares que conheceu: “Eu

escolhi a biologia por causa do meu pai, que me ensinou a pescar, a ir para o mato e tinha sempre a TV ligada no Discovery Channel e National Geographic. Então eu já tinha uma relação de amor com este lugar antes de ir, era o meu sonho. E chegar nas Rocky Mountains também foi muito impactante. Saímos do Kansas, onde é tudo plano, e andamos muito até chegar ao Colorado. Parecia que estávamos vendo nuvens, mas era o topo da montanha.”

Fabio, que adora dirigir, é sempre o motorista. Natalia, a copiloto. Não é daquelas companheiras de viagem que dorme e abandona o motorista em longas viagens. Fica acordada o quanto for necessário e conversa todo o trajeto. “Ela é a melhor copiloto. Eu sou mais do ‘deixa acontecer’. Mas a Natalia é muito planejada. Ela tem tudo detalhado, ela planejou todas as viagens. Não basta ser copiloto, tem que dar comida e água para o motorista, e ela ia enfiando comida na minha boca, além de controlar o rádio.”

Ao longo do intercâmbio, eles também realizaram outros sonhos de viagem, como conhecer a Disney e visitar Nova Iorque.

Essa última talvez tenha sido a maior indiada da viagem toda. Como já estavam se preparando para voltar ao Brasil, tiveram que vender o carro naquele dezembro. As passagens de avião eram caras e as de trem estavam esgotadas para o Natal. Decidiram ir de Greyhound, o ônibus mais popular dos Estados Unidos, do Kansas a Nova Iorque. Natalia com quatro malas, Fabio com cinco.



Foram dois dias de viagem, em ônibus pinga-pinga. A cada hora, ele parava em uma rodoviária e os passageiros precisavam sair do ônibus, com as malas, e esperar na fila para reembarcar. Em uma dessas “escalas” as malas foram, mas não sobrou espaço no ônibus para eles, que tiveram que pegar o próximo.

Milagrosamente, as malas (e eles) chegaram intactos em Nova Iorque, onde aproveitaram 10 dias com amigos internacionais feitos em Pittsburg e passaram o famoso Réveillon na Times Square, onde congelaram durante horas, experiência, além do Greyhound, que não recomendam (mas que renderam boas histórias para contar).

### ***“Os seus problemas você deve esquecer”***

A volta ao Brasil foi um choque, como acontece com a maioria dos intercambistas. Ficaram vários dias em casa (cada um na sua), sem ter a menor vontade de sair. Depois, por meses, continuaram sentindo saudade dos Estados Unidos e da emocionante vida de um aluno internacional. Fabio logo conseguiu voltar, no semestre seguinte, para começar um mestrado em Biologia na mesma universidade. Novamente uma boa oportunidade apareceu e o casal não pensou duas vezes antes de tomar a decisão, em conjunto, de que ele iria. Mas, dessa vez, sozinho, até que Natalia conseguisse visto para ir. “Se é para ser vai ser”, ela acredita.

Foi a primeira vez que se separaram por tanto tempo, o que ficava ainda mais difícil após terem morado juntos por um ano. Antes de ele partir, decidiram fazer uma tatuagem. “Sabíamos que não ia ser fácil ele estar lá e eu estar aqui, e talvez eu nem conseguisse voltar, então ficaríamos separados por dois anos. Tatuamos ‘Hakuna Matata’, com aquela ideia de ‘Os seus problemas você deve esquecer’, que não devemos deixar eles nos consumirem, que no final, tudo dá certo. Saímos porta afora e tatuamos.”

Felizmente, precisaram ficar apenas seis meses separados. Natalia, que ainda não era formada, conseguiu novamente uma bolsa de estudos para terminar o curso nos Estados Unidos. “Foi o destino conspirando a nosso favor.” Lá, engatou também um mestrado e o casal adotou um gato, que chegou, coincidentemente, com o nome de um dos feriados favoritos deles: Halloween. O gatinho não foi o único pet da casa. Natalia e Fabio, no período nos EUA, tiveram também três aranhas e três geicos (lagartixas).

Além de muito estudo e muita leitura, a vida na segunda experiência em Pittsburg também trouxe outras oportunidades de trabalho na área. Os dois atuaram no Missouri State Park, onde se sentiram em casa — mesmo estando bem longe dela. Natalia ficou nos Estados Unidos até 2018, quando terminou o mestrado e precisou voltar ao Brasil. Fabio conseguiu trabalhar por mais seis meses, os quais passaram separados novamente, até que

precisou retornar também.

Após cinco anos, é inacreditável a quantidade de coisas que uma pessoa pode juntar em uma casa. Fabio tinha até um arco e flecha, que fez questão de trazer ao Brasil. Para ajudar com essa mudança sem precedentes, Natalia voltou aos EUA. O casal passou dois meses encaixotando algumas coisas e vendendo grande parte delas, um trabalho que poucos teriam disposição.

Despacharam muitas caixas por Miami e, para chegar até lá, alugaram um caminhãozinho (nos EUA, cada pessoa pode dirigir o caminhão e fazer a sua própria mudança). De caminhão até a Flórida, Natalia, Fabio e o gato Halloween embarcaram em uma última aventura pelas estradas americanas. “Eu envelheci uns 5 anos nessa viagem,” lembra Fabio.

Como se não bastasse a carga de stress de uma mudança de país (com um pet), eles ainda tiveram o azar de bater o caminhão alugado no meio do caminho. Fabio, naquele mês, com as carteiras de habilitação americana e brasileira vencidas, achou que seria preso às vésperas de ir embora. No fim das contas, o estrago foi minúsculo e só rendeu um pequeno atraso na viagem. Nenhuma prisão.

No último dia do trajeto, o mais estressante de todos, no trânsito caótico de Miami, Fabio estava nervoso, colado ao volante e mordendo as bochechas, características que a namorada já sabia identificar nele quando as coisas não iam bem. Juntos, conseguiram

resolver a questão dos documentos do gato, para que embarcasse internacionalmente, entregar as caixas, devolver o caminhão e ir para o aeroporto.

Foi um alívio inexplicável. Mas que foi logo substituído por um sentimento de “Ok, e agora?” De volta ao Brasil, de novo, passaram 2018 e 2019 encontrando formas de retornar aos Estados Unidos (o que nunca é algo simples para quem precisa de visto de estudo ou trabalho). Nesses meses, focaram-se em outras atividades, como dar aulas de inglês. “A ideia era voltar para um doutorado, mas sempre tivemos plano B, C e D”, diz Natalia, que tem uma capacidade de resiliência vista em poucos.

Em março de 2020, quando muitos (menos eles) acreditavam que essa volta aos EUA não aconteceria, uma notícia mudou tudo novamente: Natalia havia sido aprovada para um programa de doutorado em Saint Louis University.

O casal e o gato retornam aos Estados Unidos, de mala (muitas malas) e uma cuia, em janeiro de 2021. Para que dessa vez possam ir juntos, decidiram realizar um plano há muito tempo pensado: o de se casar.

## ***“Eu sempre quis casar com essa mulher”***

*“Há um bom tempo  
Uma camiseta começou uma história  
Uma história que começou como amizade  
E que virou amor  
Um amor que inspirou pessoas  
Um amor que virou internacional  
Um amor que trouxe muitas alegrias  
E muitas aventuras  
Um amor que resistiu à separação  
Que sem perder a força continuou crescendo  
Sem esse amor  
Essas duas pessoas seriam incompletas  
Porque elas são duas metades da mesma peça.”*

Era assim que começava o pedido de casamento que Fabio vinha há anos se preparando para fazer à Natalia. O plano era imprimir cada frase (escrita em português e em inglês) numa folha, espalhá-las pela casa como um trajeto de declarações de amor, finalizando nele, com a frase: “Quer se casar comigo?” E filmar a reação da namorada em todo esse processo.

Esse pedido nunca aconteceu. Mas isso não faz dessa história menos especial. Como ficou claro no decorrer desses capítulos, a vida sempre foi uma correria para este casal. Entre idas e vindas, malas, aviões, Bento Gonçalves, Nova Prata e Pittsburg, não sobrou tempo

para algumas coisas. Entre elas, um pedido formal de casamento. Até porque eles não queriam assumir esse compromisso sem saber com certeza onde estariam morando, pelo menos, pelos próximos anos das suas vidas.

Por isso, após a aprovação de Natalia no doutorado, eles decidiram se casar no civil. O casamento, em agosto, também não foi nada tranquilo. O juiz chegou atrasado e os noivos, em meio à pandemia da Covid-19, tiveram que se casar (e se beijar) de máscara.

Foi apenas recentemente, e depois de casados, que Fabio mostrou à ela os slides do pedido original. E assim como Natalia sabe identificar quando ele está nervoso, ele sabe identificar quando ela está emocionada. Diferentemente dele, Natalia não costuma chorar (Fabio não tem problema algum em derramar algumas lágrimas em momentos emocionantes). Então ele sabe reconhecer a emoção no jeito que ela se mexe, na fala, no brilho dos olhos. E ao ver os slides de Fabio, Natalia se emocionou, do seu próprio jeito.

Mas toda a emoção de um casamento, que há muitos anos, muita gente espera que aconteça, ficou reservada para 28 de novembro de 2020 (uma semana antes da entrega desse livro), quando está marcada uma cerimônia para familiares e amigos ao ar livre, em Nova Prata.

Fabio adianta que provavelmente vá chorar ao ver Natalia vestida de noiva caminhando em sua direção.

“Faz tempo que queríamos casar, mas a vida em si não deixava acontecer. A gente nunca seguiu as normas de um relacionamento, foi sempre esse jeito meio louco, aos trancos e barrancos. E eu acho que é por isso que sempre funcionou bem”, ele diz.

Nos 11 anos, rumo aos 12, em que estão juntos, nunca tiveram brigas sérias, nunca ficaram sem se falar. Não são ciumentos e sabem respeitar a individualidade. Gostam de conversar (e os dois falam muito), mas também não têm problema algum se ficarem horas sem se falar, na mesma sala, cada um concentrado em seus projetos.

“A gente passa muito tempo juntos, já trabalhamos e tivemos aulas juntos, na pandemia, passamos meses sem se separar. Sabemos agradar o gosto de cada um, dar braço a torcer quando necessário e entender as opiniões diferentes. Nós somos ‘chill’. Nada nos tira do sério”, resume Natalia. “Temos muito em comum. Ele é meu amigo, companheiro. É inteligente, criativo, se vira, eu admiro essa independência. Sabemos que, juntos, a gente dá um jeito e resolve qualquer coisa.”

Fabio, que sempre acreditou que primeiro é preciso ser feliz sozinho para poder ser feliz com alguém, reforça que os dois fazem a vida do outro ser melhor.

“Eu nunca repensei com a Natalia, sempre tive certeza que estava com ela porque queria. O que mais gosto nela é a parceria. E os olhos, que são fantásticos, e foi o que mais me chamou a atenção quando vi ela pela primeira vez. A gente já viveu tanta coisa junto, e parece

que foi outro dia que eu estava na saída a campo da UCS vendo ela. Não parecem 12 anos porque foi muito bom, nunca foi monótono, diz ele.

Nos Estados Unidos existe uma expressão “made for each other”. E Natalia e Fabio escutavam isso muito quando moraram lá. “Feitos um para o outro”. Talvez não há expressão melhor para defini-los e para definir a sua trajetória até aqui. A sintonia entre os dois é visível para todos que o conhecem, em qualquer extremo das Américas, em qualquer uma das duas línguas.

Os dois seguem tranquilos, com a segurança de que, juntos, podem superar qualquer obstáculo, como sempre fizeram. É com esse sentimento que se preparam para embarcar em mais uma aventura, talvez a mais emocionante que viveram até agora.